

***Prensa Latina*: nascimento da Agência “revolucionária” cubana de notícias no contexto da Guerra Fria¹**

João Figueira

Universidade de Coimbra/CEIS

jotajotafigueira@gmail.com

orcid.org/0000-0002-2344-9789

RESUMO

A revolução cubana teve na Agência *Prensa Latina* a sua principal arma informativa para o exterior. Poucas semanas após ter conquistado o poder, Fidel Castro anunciou a sua criação e assumiu que o desafio era fazer dela uma grande agência de notícias latino-americana. Dirigida pelo argentino Jorge Masetti, amigo de Che Guevara, a *Prensa Latina* reuniu jornalistas de vários países da região, pagou salários muito acima da média e foi um instrumento vital do processo revolucionário cubano no contexto da Guerra Fria.

Palavras-chave: Prensa Latina, Cuba, revolução, Guerra Fria, jornalismo.

ABSTRACT

The Cuban revolution had in the *Prensa Latina* Agency its main weapon for informing the outside world. A few weeks after taking power, Fidel Castro announced its creation and assumed that the challenge was to make it a major Latin American news

¹ Este texto é um capítulo do livro “O jornalismo e a história: homenagem a Isabel Nobre Vargues” (2021), pp. 159-177, editado pela Imprensa da Universidade e em Acesso Livre, online.

agency. Headed by the Argentine Jorge Masetti, a closer friend of Che Guevara, *Prensa Latina* brought together journalists from various countries in the region, having been paid salaries well above average and was a vital instrument of the Cuban revolutionary process in the context of the Cold War.

Key words: Prensa Latina, Cuba, revolution, Cold War, journalism.

INTRODUÇÃO

A 22 de janeiro de 1959, cerca de 400 jornalistas e fotógrafos estrangeiros assistem no Riviera Hotel, em Havana, à primeira grande conferência de imprensa de Fidel Castro. O líder revolucionário vai desmentir os rumores e notícias que circulavam sobre fuzilamentos sumários e em massa, na capital cubana. Tais versões, em grande parte veiculadas nos despachos enviados pelas duas grandes agências de notícias norte-americanas — *Associated Press* e *United Press International* —, davam das primeiras semanas, após a derrota e fuga do ditador Fulgêncio Batista da ilha, uma imagem de caos e violência — incluindo casos de tortura e fuzilamentos em massa, provocando a morte a mais de 20 mil cubanos — num país que mudara de poder no primeiro dia do ano (Uberuaga & Cabrera, 2014)².

Fidel Castro alerta, então, os repórteres presentes para o “enorme poder que detinham: a capacidade de moldar a opinião pública” (Keller, 2019, p. 88). E aproveita para dizer que a generalidade dos países da região não possui cabos internacionais, pelo que

os jornalistas da América Latina não têm outra alternativa senão aceitar o que os cabos estrangeiros lhes dizem. Mas a revolução cubana mostrou

² Enquanto Fidel Castro percorria o país, entre os dias 2 e 8 de janeiro, na designada “Caravana da liberdade”, registou-se um elevado número de detenções entre oficiais e apoiantes do regime deposto. Na sua tese de doutoramento, Balardim (2016) refere a prisão de “mais de 1.500 pessoas submetidas aos Tribunais Revolucionários” (p. 75).

que é possível a mudança. A *Prensa Latina* vai encarregar-se de ter os meios que permitam aos jornalistas latino-americanos saber a verdade e não serem vítimas de mentiras. (Keller, 2019, p. 88)

Começava ali a “operação verdade”, estratégia de informação noticiosa especialmente voltada para os media e opinião pública estrangeira, que a agência *Prensa Latina*, anunciada naquela conferência de imprensa, mas ainda não constituída formalmente, vai desempenhar no processo revolucionário cubano, com especial incidência entre 1959 e 1961. Estes são os anos decisivos de afirmação e consolidação do novo poder, no contexto geopolítico da Guerra Fria marcado por uma forte presença e influência dos Estados Unidos na América Latina, em especial na região das Caraíbas e América Central.

Com base em literatura de referência e em documentos escritos por dois dos fundadores da Agência — Jorge Masetti, que foi diretor; e Rodolfo Walsh, responsável pela editoria dos Serviços Especiais — propomos uma releitura dos contextos jornalísticos e políticos nos quais nasceu a *Prensa Latina*, para melhor se perceber as razões e o quadro complexo em que foi criada, cujos objetivos informativos é impossível desligar da conjuntura da Guerra Fria. A metodologia seguida está, assim, suportada numa revisão crítica da literatura sobre o papel informativo e político da *Prensa Latina* e das razões que justificaram a sua criação, complementada com estudos sobre o enquadramento geopolítico do país e da influência dos Estados Unidos na região, sem os quais será impossível entender a estratégia de criação e funcionamento da Agência cubana de notícias.

Sob a liderança do “não comunista” Fidel Castro

Num mundo bipolar caracterizado pela afirmação crescente de dois blocos ideológicos protagonizados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, Cuba e a sua revolução enfrentam uma torrente de informação desfavorável aos seus desígnios e, em boa parte, construída com base em notícias que esgrimiam o fantasma do comunismo, a que Fidel e seus seguidores não tinham ainda aderido:

Eu não sou comunista, nem tão pouco o movimento, mas não temos que dizer que somos anticomunistas para agradar ao estrangeiro, uma vez que apenas temos compromissos com o povo de Cuba e só temos de responder perante essa força da nossa posição, que é equidistante do capitalismo e do comunismo.

(Walsh, 1998, p. 69)

Estas declarações de Fidel, que Rodolfo Walsh, jornalista argentino que integra o grupo fundador da *Prensa Latina*, publica num jornal do seu país, fazem parte de um discurso do líder revolucionário num momento particularmente agitado e de alguma incerteza ou indefinição, que o país ainda vivia, em julho de 1959. Nessa altura, Fidel, Primeiro Ministro, renuncia ao cargo, em clara e frontal oposição ao presidente Manuel Urrutia. É um conflito político que vai culminar com o abandono de Urrutia e proporcionar a afirmação da liderança incontestada de Castro.

Sob o título, “Fidel renuncia, Fidel fica”, Rodolfo Walsh escreve que “o governo de seis meses e dezassete dias foi derrubado por um discurso de três horas e 45 minutos” (Walsh, 1998, p. 67). O repórter, que chefiava o departamento de Serviços Especiais da Agência, evidencia ainda no seu texto a destreza oratória de Fidel, que era advogado, no ataque minucioso e destruidor que fez à ação presidencial de Urrutia. E para que não restassem dúvidas sobre o sentido nacionalista e independentista do processo de mudança, o repórter sublinhou que Fidel deixou claro que “a revolução era exclusivamente cubana, e que a sua cor não era vermelha, mas a verde azeitona dos uniformes do exército rebelde”. (Walsh, 1998, p. 69)

O último parágrafo do artigo de Walsh antecipa o rumo e a firmeza que, doravante, o processo em curso vai tomar:

O conselho de ministros recusou a renúncia de Fidel (...). Contudo, ninguém duvida de que o seu poder e o seu prestígio são maiores que nunca, e que o governo revolucionário de Cuba venceu, porventura, o mais difícil dos obstáculos que até agora encontrou pelo caminho. (Walsh, 1998, p. 71)

A turbulência política vivida em julho de 1959 seria, no entanto, apenas um dos momentos de alguma tensão, entre os muitos que o país iria enfrentar. O crescente isolamento e as sucessivas medidas agressivas perpetradas pelos Estados Unidos contra Cuba — de que o apoio e participação, em abril de 1961, na operação militar conhecida por invasão da Baía dos Porcos é o exemplo mais emblemático — acabarão, no entanto, a partir de finais de 1961, início de 1962, por “atirar os nacionalistas radicais, como Castro, para os braços da União Soviética” (Saull, 2004, p. 61). Até aí, com especial evidência nos tempos da guerrilha, o que estava em causa era mais o derrube do governo ditatorial de Fulgêncio Batista, que um programa doutrinário bem definido e pré-estabelecido. Em 1958, ainda na Sierra Maestra, em entrevista a Jorge Masetti, Che Guevara, nascido na Argentina como o repórter que o escutava, haveria de proclamar que “muito do que estavam a fazer nem sequer o tinham sonhado” (Walsh, 1998, p. 128). Naquele momento, especifica Rodolfo Walsh numa obra autobiográfica — *Ese hombre y otros papeles personales* —, o processo em causa assumia-se como revolucionário e transformador, mas não ainda como movimento socialista. Só alguns anos depois tal viria a acontecer.

Isso mesmo resulta evidente em vários momentos da reportagem de Masetti, à época jornalista da rádio portenha, *El Mundo*, a quem Che Guevara afirmou:

Fidel não é comunista. Se o fosse teria, desde logo, mais armas. Esta revolução é exclusivamente cubana. Melhor dizendo, latinoamericana. Politicamente

poderia classificar Fidel e o seu movimento como «nacionalista revolucionário». Evidentemente que é *antiyanqui*, na medida em que os norte-americanos sejam anti-revolucionários. Mas na realidade não esgrimimos um antiyanquismo proselitista. Estamos contra os Estados Unidos, porque os Estados Unidos estão contra os nossos povos. (Masetti, 1969, p. 35)

Durante as semanas que permaneceu na Sierra Maestra, acompanhando o dia a dia dos revolucionários, incluindo alguns ataques que levaram a cabo contra militares do exército de Fulgêncio Batista, Masetti escutou de novo, agora pela voz de Fidel Castro, que é completamente falso o suposto avanço do comunismo, como alguns aliados dos Estados Unidos tanto “insistem em afirmar, como Batista, Trujillo e Somoza para, assim, aumentarem o receio em Foster Dulles [secretário de estado norte-americano]” (Masetti, 1969, p. 67). E à semelhança do que dias antes Guevara lhe tinha dito, Castro reafirma:

Como você teve oportunidade de observar, nós não temos armas suficientes, o que nos obriga a recusar a incorporação de milhares de homens, porque não os podemos armar. Todavia, no início, quando éramos doze barbudos esfomeados com apenas sete espingardas, os nossos meios eram muito mais escassos. Em contrapartida, possuímos o que os soldados de Batista nunca tiveram: um ideal de luta. (Masetti, 1969, p. 67)

E quando questionado sobre o futuro, Fidel Castro respondeu ao repórter:

Queremos constituir-nos em um partido político, porque entendemos que o derrube de Batista não configurará nada mais que um facto ou um ponto de partida para a verdadeira realização da obra revolucionária. Contudo, será o povo a decidir se os que sabemos lutar com a espingarda, estamos capacitados também para o defender, através da luta política. (Masetti, 1969, p. 66)

Desse contacto com Fidel, mas sobretudo com Che Guevara, vai emergir uma forte amizade e cumplicidade, que será depois traduzida na confiança que lhe será

manifestada para pensar e organizar a criação da *Prensa Latina*, assim que os revolucionários chegaram ao poder.

Poucos meses depois, Che desafia Masetti a trocar Buenos Aires por Havana. O objetivo era por em prática uma Agência de notícias que fosse uma referência informativa em toda a América Latina e capaz de combater a hegemonia noticiosa ocidental protagonizada pelos dois gigantes norte-americanos (*Associated Press* e *United Press*). Paralelamente, a *Prensa Latina* seria, ainda, o órgão de comunicação destinado a divulgar nos media estrangeiros uma visão alternativa — e positiva — das transformações políticas e sociais, em Cuba (Walsh, 1998; Arrosagaray, 2013; Keller, 2019). Numa palavra, ser a voz da revolução no exterior.

A revolução na Guerra Fria

O jornalismo não existe fora do seu contexto político, social e económico. Por outras palavras, ele não pode ficar indiferente às realidades em que se insere. Mais ainda, como é o caso, quando está em causa uma mudança de regime, em cujo quadro o jornalismo, em especial a imprensa, joga um papel determinante ao assumir-se como um importante ator político estratégico, como por regra sucede em transformações sociais e políticas radicais, como os processos revolucionários (Popkin, 1990; Figueira, 2007). No caso da *Prensa Latina*, ela tinha por objetivo “contrariar tanto quanto possível os ataques incessantes e impiedosos” e a “catarata de lixo informativo” (Walsh, 2007, p. 66) dos media estrangeiros, num quadro político crescentemente complexo e adverso.

Vários acontecimentos marcam os anos iniciais do período revolucionário: em janeiro de 1959, o congressista republicano Wayne Hays enalteceu a ação das forças leais ao antigo ditador Fulgêncio Batista e exigiu a aplicação de sanções económicas a

Cuba; em dezembro de 1960 é suprimida a quota açucareira do mercado norte-americano; a 3 de janeiro de 1961 dá-se o corte de relações entre Cuba e os EUA e, pouco depois, tem início a campanha de alfabetização do país; a 15 de abril de 1961 há a declaração do caráter socialista da revolução cubana, durante os funerais das vítimas dos ataques aéreos norte-americanos a bases cubanas, no primeiro de três dias do que ficou conhecido pela invasão da Baía dos Porcos; em julho de 1961 foram criadas as Organizações Revolucionárias Integradas (Franklin, 2015; Balardim, 2016; Mustafá, 2004; Salado, 2016).

Porém, a dinâmica política da revolução cubana prosseguiria: a 26 de março de 1962 é fundado o Partido Único da Revolução Socialista (PURSC), a que se segue, em outubro, a crise dos mísseis; a fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC) e o lançamento do diário *Gramna*³ como órgão oficial do PCC (Salado, 2016) e para onde transitam alguns jornalistas cubanos que estavam na *Prensa Latina*.

Esta sucinta revisitação ao contexto político-histórico de Cuba permite perceber o quadro em que a *Prensa Latina* vai emergir e, sobretudo, entender as razões acerca da ideia (ou necessidade) de criar uma grande Agência de notícias e os motivos de a dotar de meios e recursos humanos e materiais até então inexistentes na imprensa:

Masetti apareceu com uma conceção nova: 300 pesos mensais para os jornalistas. Esses números eram uma quantidade de dinheiro tentadora. Como chefe de turno, eu cheguei a ganhar 450 pesos. (Arrosagaray, 2013, p. 82)

As palavras são de Juan Marrero Gonzalez, jornalista cubano que mais tarde fará parte do núcleo fundador do diário *Gramna*, mas que antes de ser contratado para a *Prensa Latina*, em 1959, ganhava 88 pesos mensais. Masetti consegue, assim, formar uma

³ O nome do jornal é uma referência ao nome da lancha que, em 1956, transportou, a partir do México, o grupo de guerrilheiros fundadores do *Movimento 26 de julho* que se instalou na Sierra Maestra para dar início à luta de guerrilha.

redação muito qualificada e composta por profissionais de vários países da América Latina. O nome da Agência era coerente com a sua estrutura interna. Desde o início havia a noção que o processo revolucionário cubano era ideológico em todas as frentes, pelo que a informativa teria de ser, simultaneamente, capaz e suficientemente consistente, do ponto de vista jornalístico e político. No prólogo ao livro de Masetti, Walsh confirma essa ideia do combate político através do jornalismo, ao deixar claro que na *Prensa Latina*, por vezes, “excedíamos os limites habituais do jornalismo” (Walsh, 1969, p. 7).

Impossível, pois, desligar o quadro geopolítico do papel estratégico da informação. A qual, aliás, já tinha sido vital em ocasiões anteriores, na preparação de golpes de estado, na região. Che Guevara, que vendia enciclopédias na capital guatemalteca, quando do golpe de 1954, terá retirado as devidas ilações acerca das fragilidades e das razões que potenciaram o derrube de um governo reformista, mas que tanto desagradava aos Estados Unidos (Llosa, 2020, Loaeza, 2016). Na verdade, o apoio e intervenção da CIA no golpe militar de 1954, na Guatemala⁴, destinado a depor o moderado e reformista coronel Jacobo Árbenz Guzmán, constitui um momento de viragem na interferência dos Estados Unidos nos destinos políticos da América Latina. “O episódio guatemalteco revela que a política do bom vizinho tinha terminado e que a Guerra Fria e a instabilidade haviam chegado à região” (Loaeza, 2016). Como pouco antes Rabe (2012) havia observado, a Guatemala foi uma espécie de laboratório e, posteriormente, espaço para treinar operacionais que, sob a orientação de forças especiais norte-americanas, tinham por missão intervir em diversos países da região: Cuba, Brasil, Chile ...

⁴ A mais recente obra do escritor peruano Mario Vargas Llosa, intitulada, *Tempos duros* (2020), tem, justamente, o golpe militar de 1954 na Guatemala, o papel da CIA e do estratega em Relações Públicas, Edward Bernays, que trabalhava para a multinacional United Fruit, como tema central.

Cuba não será a Guatemala da CIA

O apoio ao golpe de estado na Guatemala foi antecedido por uma bem montada campanha de manipulação de informação dirigida por Edward Bernays que, ao serviço da *United Fruit Company*, que vira os seus privilégios e isenção total de impostos colocados em causa pelo governo de Juan José Arévalo e do seu sucessor Jacobo Arbenz Gusmán, tratou de difundir a ideia de que aquele país estava a ser infiltrado e dominado pelo ideário comunista da União Soviética (Kirsch, 2011; Bucheli, 2008). Todos os principais media norte-americanos — *The New York Times*, *Time*, *Newsweek*, *Washington Post* — veicularam sem hesitação as informações que Bernays lhes ia fornecendo (Tye, 1998; Llosa, 2020).

A *United Fruit* era uma das mais poderosas companhias norte-americanas, com explorações em vários países do continente: Honduras, Nicarágua, Guatemala, Colômbia, El Salvador, Costa Rica e várias ilhas das Caraíbas. Habituada aos privilégios fiscais e de monopólio comercial que desfrutava na região (Bucheli, 2008), a companhia receava que a aplicação da lei antimonopolista que a Guatemala aprovara fosse mimetizada por outros países. O perigo, pois, não era o comunismo — esse era o pretexto, para combater um risco maior: a Guatemala tornar-se uma democracia moderna como desejavam os seus dirigentes e a que se opunham os grandes senhores das terras, as multinacionais e os EUA (Bucheli, 2008; Loaeza, 2016). Porque se o exemplo desse país vingasse, outros desejariam segui-lo. Ora, o secretário de estado John Foster Dulles, a quem se atribui a afirmação de que a política dos EUA não visa fazer amigos, mas defender os interesses do país, foi exatamente isso que fez na região do Caribe — esse “*Mare Nostrum* norte-americano”, na expressão de Bucheli (2018, p.

439) — e da América do Sul, aplicando todas as medidas que a política externa do presidente Eisenhower desejava para a região (Loaeza, 2016).

Pelo meio, enviados dos principais media norte-americanos, instalados no hotel Panamerican, na capital da Guatemala, falavam com empresários, latifundiários, sacerdotes ou líderes da oposição que Bernays lhes levava e sugeria que entrevistassem (Tye, 1998; Llosa, 2020). A campanha mediática contra a Guatemala começava a dar frutos (Immerman, 2007). E quando um despacho da *United Press*, assinado pelo jornalista britânico Kenneth De Courcy noticiou que a União Soviética tencionava construir uma base de submarinos na Guatemala, foi a vez dos media europeus — *The Herald Tribune*, *Life Magazine* e *Evening Standard* — mas também do *Chicago Tribune*, *Harper's Magazine* e *The Christian Science Monitor* darem amplo eco dessa notícia sem provas (Tye, 1998; Llosa, 2020).

Tal como tinha atuado no início dos anos 50 na preparação e apoio ao golpe militar de 1954, na Guatemala, com a estratégia de classificar o governo deste país de comunista, Washington e a CIA procuraram aplicar a mesma receita com Cuba (Meyer, 2004). Mas Cuba não será a Guatemala, não obstante a determinada e frontal oposição à revolução que a *United Fruit*, quase desde o início lhe move, em consequência das expropriações de que foi alvo, em 1959, por Fidel Castro (Mustafá, 2004; Bucheli, 2008).

O jornalismo na defesa da revolução

Castro e Che Guevara sabiam por experiência própria da importância vital que a informação desempenhava, tanto no quadro revolucionário que Cuba vivia, como no contexto de um mundo bipolar, em plena Guerra Fria. Durante o período da guerrilha, em 1958, na Sierra Maestra, um jornalista do *The New York Times*, Herbert Matthews,

entrevistou o líder da revolução cubana. Este encontro, que é reforçado com a publicação de uma foto de Castro, vai dar um novo impulso à luta dos guerrilheiros (Molina, 2000), ao mesmo tempo que destrói a versão antes posta a circular por Fulgêncio Batista, de que a guerrilha estava decapitada dos seus líderes históricos.

A informação será, assim, desde o início, uma importante frente de batalha que o novo poder sabe que tem de travar, sobretudo no plano externo. A 17 de abril de 1959 é oficialmente constituída a Agência liderada pelo argentino Jorge Masetti, que todos olhavam como “chefe jornalístico, o que queria também dizer, chefe político” (Arrosagaray, 2013, p. 79). O novo órgão de comunicação, com caráter claramente político e totalmente alinhado com os interesses e objetivos da revolução cubana, visava ser, como havia afirmado Fidel Castro, uma grande agência de notícias latino-americana.

Um dos mais entusiastas apoiantes da iniciativa foi o poeta chileno Pablo Neruda:

Monopolizar o cobre é ruim. Monopolizar petróleo, café, barcos, trigo, é pior ainda. Monopolizar notícias é crime. Já sofremos bastante. Informam-nos à força sobre o estilo de vida norte-americano, chicletes, divórcios, foguetes que não decolam, embaixadoras frívolas que ainda odeiam Lincoln. Queremos notícias do mundo inteiro, sobretudo dos nossos países irmãos da América. Vocês são a primeira janela que deixará entrar ar. Respiremos!. (Aguiar, 2015, p. 4)

É dentro desta linha de pensamento que durante um almoço com jornalistas, a 7 de junho de 1959, Castro haverá de sublinhar uma vez mais o poder estratégico que entendia que a informação jornalística desempenhava no quadro revolucionário e de controle da opinião pública, ao sustentar que a liberdade de imprensa será apreciada

“não pelo negócio que se faz com ela, mas para que graças a essa liberdade se escreva, oriente e trabalhe com o pensamento” (Franki, 1981 apud, Salado, 2016, p. 35).

Masetti, em editorial escrito, em 1960, deixará claro que “nós somos objetivos, mas não imparciais. Consideramos uma cobardia a imparcialidade, porque é impossível ser imparcial entre deus e o diabo” (Keller, 2019, p. 95). O seu argumento é que tendo nascido em Cuba, para servir a revolução latino-americana, a *Prensa Latina* tinha a missão de revolucionar o jornalismo da América Latina.

A 16 de junho de 1959 a *Prensa Latina* começa a produzir reportagens de grande fôlego, destinadas a funcionar, no exterior, como instrumento de propaganda do novo poder revolucionário ou, pelo menos, a dar uma imagem positiva e progressista do governo. Ao fim de meia dúzia de meses contará com correspondentes em mais de duas dezenas de países e, entre os seus colaboradores, com figuras como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Juan Carlos Onetti e Miguel Ángel Asturias. E na redação, composta por um vasto naipe de jornalistas de diferentes países, estão Gabriel García Márquez (Colômbia), Rodolfo Walsh e Rogelio García Lupo (Argentina), Muro Aroldo (Brasil), Carlos María Gutiérrez (Uruguai), juntamente com os cubanos Francisco V. Portela, Juan Marrero, Gabriel Molina, Roberto Agudo e Herberto Padilla, entre muitos outros. No final de 1959, mais de um milhar de veículos de informação espalhados pelo mundo pagavam a assinatura pelos serviços da *Prensa Latina*, que dispunha já de uma notável rede de correspondentes e delegações internacionais⁵, incluindo em Nova Iorque, Londres, Paris, Genève, Praga e Washington, que, no seu conjunto, emitiam mais de 400 peças informativas por dia (Keller, 2019; Walsh, 2007).

⁵ Nos primeiros meses de atividade tinha delegações em nove capitais de países latino-americanos, alargando, progressivamente, a sua presença à Ásia, designadamente ao Vietname

Renata Keller (2015, 2019) em duas das suas obras que analisam as relações da *Prensa Latina* com a revolução cubana e desta com a mexicana, no contexto da Guerra Fria, aponta para o papel estratégico da ação política que aquela Agência desempenhou. É desta investigadora o primeiro trabalho em língua inglesa sobre o papel e ação da *Prensa Latina* no processo revolucionário cubano, facto que a leva a classificar de “surpreendente o desinteresse académico no estudo do trabalho desenvolvido” (Keller, 2019, p. 88) por aquela Agência, quando se sabe que a ela se deve grande parte do fluxo noticioso sobre Cuba destinado aos media estrangeiros, e de combate contra a informação que sobre ela era por eles veiculada.

A revista *Time*, no seu primeiro número de 1959, já depois da vitória das forças revolucionárias e da fuga de Fulgêncio Baptista de Cuba, prognosticava uma longa permanência no poder, ao ditador derrotado (Walsh, 1969, 2007)⁶. É para fazer face a informações deste género, dominadas na cena internacional pelos grandes media norte-americanos, designadamente as suas duas principais agências — *AP* e *UPI* — que vai nascer a *Prensa Latina*. O objetivo era, simultaneamente, assumir-se como a grande agência de notícias da América Latina, capaz de afirmar uma visão e perspectivas próprias das suas múltiplas realidades e, em especial, do processo revolucionário cubano. Tal propósito suscitou de imediato várias críticas e campanhas, com o argumento de que “se tratava de uma agência oficial” (Walsh, 2007, p. 66). Foi mais do que isso.

No principal estudo em língua inglesa sobre este tema, Keller (2019) evidencia o papel estratégico desempenhado pela *Prensa Latina*, quando considera que ela “foi uma poderosa arma no arsenal revolucionário de Fidel Castro” (p. 90), uma vez que através

⁶ Só na edição de 26 de janeiro desse mesmo ano a *Time* confirmava a vitória das forças revolucionárias, publicando na capa a imagem de um Fidel Castro algo pensativo, cujo rosto emergia de Sierra Maestra, onde eram visíveis vários sinais de fogo e de luta e onde ocupava um lugar de primeiro plano a bandeira representativa do Movimento 26 de julho.

dela o governo cubano conseguiu veicular, no plano internacional, a sua versão sobre o respetivo processo revolucionário e, com isso, captar a solidariedade internacional por parte dos que partilhavam o seu lado da história (Keller, 2019).

Carl Bernstein (um dos repórteres do Watergate), e Church, entre muitos outros jornalistas norte-americanos, contrapõem, no entanto, a ideia de que “os media nos Estados Unidos não foram menos uma arma de propaganda política, do que a *Prensa Latina*” (Keller, 2019, p. 111). A diferença, sustentam, residiu no modo como cada um dos media atuou, sob diferentes estruturas e agendas também diversas. Umhas décadas antes, Walsh já tinha dito o mesmo, mas revestindo as suas palavras de uma carga ideológica mais forte.

Prensa Latina era tão oficial como *United Press*, *Reuter* ou *France Press*: não há no mundo uma agência que não responda aos interesses de um estado nacional ou de um grupo monopolista estreitamente vinculado a esse estado. A diferença é que nos países dominantes do mundo ocidental proibem esse luxo aos países dependentes. (Walsh, 1969, p. 5)

É verdade que Jorge Masetti sempre impôs aos seus jornalistas que fossem rigorosos, sabendo que nunca seriam imparciais (Arrosagaray, 2013). Porém, sempre deixou claro — e toda a redação estava irmanada desse objetivo — que o trabalho na *Prensa Latina* se chamava jornalismo militante (Arrosagaray, 2013; Walsh, 1969), que todos estavam ao serviço da revolução e por isso, na expressão de Juan Marrero, que integrou a equipa fundadora, “Masetti converteu a Agência numa verdadeira escola de jornalismo revolucionário” (Marrero, 2014, p. 1). Salvador Allende, então membro do senado chileno, admitia que a “*Prensa Latina* estava destinada a suprir uma necessidade continental urgente (Keller, 2019, p. 93).

A Agência cubana de notícias, que hoje emite serviços informativos em cinco línguas, além do espanhol, desempenhou, pois, um papel de primeira grandeza no

processo de afirmação do poder revolucionário. Sobretudo no plano externo, ela foi uma voz alternativa à visão negativa (e depreciativa) que dominava os despachos noticiosos dos grandes media ocidentais, sobre Cuba e o seu poder político.

Conclusão

Pensamos que fica evidente a relevância do papel desempenhado pela *Prensa Latina*, em especial nos primeiros anos do processo revolucionário cubano, como, sobretudo, a necessidade de aprofundar os estudos e análise da sua ação, quando se sabe que foi no interior da sua redação, por intermédio de Rodolfo Walsh, que foram interceptadas e decifradas decisivas mensagens em código, do governo da Guatemala para a CIA, tendo por alvo Cuba. (Arrosagaray, 2013; Márquez, 2006; Walsh, 1998). Entre as mensagens decifradas, a mais importante — e paradoxalmente a menos referenciada — é a que fornece todas as informações sobre a operação militar que ficará conhecida pela invasão da Baía dos Porcos, que permitiu às forças cubanas estarem preparadas para resistirem ao ataque desencadeado entre os dias 15 e 17 de abril de 1961. E saírem vencedoras.

A imprensa, através da Agência cubana de notícias, travou uma intensa batalha no plano da informação, interpretando da melhor forma o seu duplo papel de ator político e informativo, ao serviço dos interesses do processo revolucionário. Por outro lado, também não é despiciendo ter em conta o alinhamento editorial dos media ocidentais, designadamente norte-americanos, para com as posições dos Estados Unidos e, por conseguinte, de ataque ao governo de Fidel Castro. É fundamental, portanto, ter em linha de conta o papel da informação jornalística — interna e externa — no processo revolucionário cubano, o qual está longe de ter sido linear e cuja atuação não deve ser

desligada do seu quadro geopolítico e do contexto da Guerra Fria em que emergiu e se desenvolveu.

Referências bibliográficas

- Aguiar, P. (jul-set 2015). Quando não bastava dar a notícia. *RECIIS*, 9(3), 1-7.
<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1022>
- Allard-Huvert, F. (2018). Bernays (Edward). *Publictionnaire, Dictionnaire encyclopédique et critique des publics*. HAL, archives-ouvertes. <https://hal.univ-lorraine.fr/hal-01915233/document>
- Arrosagaray, E. (2013). *Rodolfo Walsh em Cuba: Agencia Prensa Latina, milícia, ron y criptografía*. Buenos Aires: Cienflores.
- Balardim, R. (2016). Cuba: a construção do socialismo e a sua dimensão internacional (1959-2016). [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150490/001009345.pdf?sequence=1>
- Bucheli, M. (2008). Multinational corporations, totalitarian regimes and economic nationalism: United Fruit Company in Central America, 1899-1975. *Business History*, 50(4), 433-454.
- Figueira, J. (2007). *Os jornais como atores políticos: Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo, no Verão Quente de 1975*. Coimbra: Minerva.
- Franklin, J. (2015). *Cuba-Estados Unidos: cronología de una historia*. Habana: Instituto Cubano del libro, Editorial de Ciencias Sociales.
- Immerman, R. H. (2007). *The CIA in Guatemala: the foreign policy of intervention*. Austin: University of Texas.
- Loeza, A. (oct.-dic 2016). La fractura Mexicana y el golpe de 1954 em Guatemala. In *Historia mexicana*, 66(2). Ciudad de México.
http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-65312016000200725
- Llosa, M. V. (2020). *Tempos duros*. Lisboa: Quetzal.

- Márquez, G. G. (2006). Rodolfo Walsh, o escritor que se adiantou à CIA. In *Reportagens políticas* (pp. 159-161). São Paulo: Record.
- Marrero, J. (2014). Prensa Latina, primera ventana contra la intoxicación informativa. *La Fogata*, “Ricardo Masetti: el primer guevarista”. <https://www.lafogata.org/masetti/notas/p1.14.pdf>
- Masetti, J. R. (1969). *Los que luchan y los que lloran: el Fidel Castro que yo ví*. <https://eltopoblindado.com/wp-content/uploads/2018/01/masetti-los-que-luchan-y-los-que-lloran.pdf>
- Meyer, L. (2004). La guerra fría en el mundo periférico: el caso del régimen autoritario mexicano. La utilidad del anticomunismo discreto. In D. Spenser (coord.) *Espejos de la guerra fría: México, América Central y el Caribe* (pp.97- 117). México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social.
- Molina, M. M. (2009). *Os melhores jornais do mundo*. S. Paulo: Editora Globo.
- Mustafá, N. T. (2004). El internacionalismo: principio esencial de la revolución socialista de Cuba y su política exterior. <http://desar.me/profpcmaux/cuba/NureddinCubaRelacionesInternacionales.pdf>
- Keller, R. (2019). The revolution will be teletyped: Cuba’s Prensa Latina news agency and the cold war contest over information. *Journal of Cold War Studies*, 21(3), 88-113. <https://direct.mit.edu/jcws/article/21/3/88/13796/The-Revolution-Will-Be-Teletyped-Cuba-s-Prensa>
- Keller, R. (2015). *Mexico’s cold war: Cuba, the United States, and the legacy of Mexican revolution*. Boston: Cambridge University Press.
- Kirsh, S. J. (2011). PR guns for hire: The specter of Edward Bernays in Gadhafi’s Libya. *Present Tense, a journal of rhetoric in society*, 2(1). <http://www.presenttensejournal.org/wp-content/uploads/2012/03/Kirsch.pdf>
- Popkin, J. (1990). *Revolutionary news: the press in France: 1789-1799*. London: Duke University.
- Rabe, S. (2012). *The killing zone: The United States wages Cold War in Latin America*. Oxford: Oxford University Press.

- Salado, M. (2016). *Censura de prensa em la revolución cubana*. Madrid: Verbum.
- Saull, R. (2004). El lugar del sur global em la conceptualización de la guerra fría: desarrollo capitalista, revolución social y conflicto geopolítico. In D. Spenser (coord.) *Espejos de la guerra fría: México, América Central y el Caribe* (pp. 31-66). México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social.
- Taylor-Robinson, M. M., & Redd, S. B. (2003). Framing and poliheuristic theory of decision: the United Fruit Company and the 1954 U.S.-lead coup in Guatemala. In A. Mintz (ed.) *Integrating Cognitive and rational theories of foreign policy decision making* (pp. 77-100). NY: Palgrave MacMillan.
- Tye, L. (1998). *The father of spin: Edward L. Bernays & the birth of public relations*. NY: Holt Paperbacks.
- Uberuaga, M. B. A., & Cabrera, G. B. (mar. 2014). Um desafio al monopolio de la intriga. *La Fogata digital, Ricardo Masetti: "El primer guevarista"*.
<http://www.lafogata.org/masetti/notas/p1.10.pdf>
- Walsh, R. (1998). *El violento oficio de escribir: obra periodística (1953-1977)*. Buenos Aires: Planeta.
- Walsh, R. (2007). *Ese hombre y otros papeles personales*. Buenos Aires: Ediciones de la flor.
- Walsh, R. (1969). Prólogo. In J. R. Masetti, *Los que luchan y los que lloran: el Fidel Castro que yo ví* (pp.4-9). <https://eltoblindado.com/wp-content/uploads/2018/01/masetti-los-que-luchan-y-los-que-lloran.pdf>